

Percepções cariocas e efeito-Olimpíada

Aloisio Campelo Jr. e Marcelo Neri



Os dados das cerca de duas mil entrevistas realizadas em 2016 permitem a comparação das percepções da população adulta dos municípios de São Paulo e do Rio de Janeiro, levando em conta características observáveis como sexo, idade, escolaridade entre outras, a fim de isolar as percepções de pessoas similares em locais diferentes.

Reportamos neste espaço apenas as diferenças estatisticamente significativas, apontadas entre parênteses. Cariocas são mais satisfeitos (2,4%) do que paulistanos com a vida passada. Talvez reminiscência de seu apogeu econômico e cultural nos tempos da velha Guanabara ou da Bossa Nova. Não há diferença na felicidade presente ou na expectativa de felicidade futura reportada entre cidades.

Pesquisas de campo sobre percepções da população são relativamente raras no Brasil, apesar de estarem cada vez mais difundidas mundo afora. Há uma crescente linha de investigação que trata da avaliação subjetiva de políticas públicas que nos falta tanto aqui quanto as avaliações objetivas de seus impactos na economia. O Estado brasileiro, em seus diversos níveis, consigne de maneira persistente não ser avaliado. A FGV aposta no potencial deste tipo de pesquisa.

A Sondagem de Bem Estar Social do Ibre busca caracterizar a visão subjetiva da população sobre aspectos associados a políticas públicas e sobre a vida privada, como a relação com amigos, o grau de satisfação com a vida, etc.

Cariocas se sentem menos parte da comunidade (-3,6%) e têm menos confiança nas pessoas (-6,5%). Isto sugere uma escassez relativa de capital social. O capital social é uma espécie de costura que reforça a solidariedade e a eficiência do sistema econômico. Além de prover proteção contra choques adversos, ele potencializa o retorno de ativos físicos e humanos, tornando o todo maior que a soma das partes.

A desconfiança com o outro também está presente com relação a outras instituições públicas, em especial as do Executivo. O carioca confia menos no governo (-17,7%), nos políticos (-22%) e na polícia (-6,7%). Na verdade, as notas subjetivas atribuídas a um vasto leque de políticas públicas como educação, saúde, segurança ou transporte apresentam menores valores no Rio. O carioca desconfia mais dos entes públicos e confere notas piores às respectivas políticas implementadas. Obviamente, neste estágio não é possível precisar o que seria intrínseco à cultura dos habitantes de cada cidade e o que seria circunstancial.

Há algumas exceções, como a maior confiança relativa carioca nas Forças Armadas (8,4%), na mídia (7,9%) e na Justiça (3,6%). O carioca parece se sentir órfão de políticas do Executivo e talvez procure mais o abrigo nessas outras instituições. As diversas situações de presença do Exército desde a Rio 92, a sede de grandes grupos de comunicação e as ações recentes do Judiciário local talvez expliquem esse padrão diferenciado.

Um dos objetivos da pesquisa de campo foi avaliar os impactos das Olimpíadas sob a ótica subje-

tiva da população local. Comparamos duas ondas de coleta de dados, que obtiveram avaliações das mesmas pessoas alguns meses antes e depois dos Jogos de 2016, outro tipo de evidência rara no Brasil. Neste caso, a população paulistana funciona como grupo de controle para estimar o Efeito-Olimpíada. Estamos agora em campo realizando a terceira onda da pesquisa para analisar os impactos de prazo mais longo que serão oportunamente calculados e disponibilizados.

A avaliação subjetiva de políticas públicas nos falta tanto quanto as avaliações objetivas dos impactos na economia

As Olimpíadas exerceram um impacto significativo a curto prazo na confiança na polícia, na percepção de qualidade de políticas de saúde e de transporte urbano, assim como no tempo de deslocamento objetivo, um dos legados planejados das Olimpíadas. Além disso, a avaliação relativamente favorável feita pela população sobre a organização do evento contribuiu também para

o aumento da sua autoestima, captado no quesito sobre “orgulho de ser brasileiro”.

De modo geral as percepções dos moradores do Rio sobre o dia a dia da cidade e sobre instituições públicas se aproximaram das dos paulistanos logo depois das Olimpíadas. Passado mais de um ano — com uma grave crise no meio — será útil conferir o que mudou de lá para cá a partir de reentrevistas realizadas neste início de 2018.

Tom Jobim, que cantava a alma carioca como ninguém por escola de ofício, disse que o Brasil não era para principiantes. Se é difícil compreender qualquer país sem ouvir a sensibilidade das pessoas, no caso da cidade do Rio hoje desconfiamos que mais ainda.

Aloisio Campelo Júnior, é formado em economia pela PUC-RJ, com diploma in Economics for Development pela Universidade de Londres (QMW) e Mestrado em Economia pela Fundação Getúlio Vargas. Atualmente é Superintendente de Estatísticas Públicas da FGV IBRE. escreve mensalmente neste espaço

Marcelo Neri, diretor do FGV Social e professor da EPGE/FGV é ex-ministro da SAE e ex-presidente do Ipea. marcelo.neri@fgv.br